

# Entre o Mistério e o Vivido: As Interpretações sobre a Natureza Amazônica nas Obras de Gastão Cruls

Matheus Villani Cordeiro <sup>1</sup>, Rômulo de Paula Andrade <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa as representações textuais sobre a natureza amazônica nas obras do médico e escritor Gastão Cruls (1888-1959). O objetivo consiste em identificar como o escritor construiu em suas obras representações sobre a região amazônica, a partir dos diferentes contextos de produção e publicação, das experiências vivenciadas, leituras e impressões próprias sobre os processos que ocorriam no período. Selecionamos três obras, que julgamos serem essenciais para entender o pensamento de Gastão Cruls sobre a Amazônia: *A Amazônia Misteriosa* (1925); *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque* (1930) e *Hiléia Amazônia* (1944). O romance *A Amazônia Misteriosa* marcou a ascensão do escritor no círculo literário nacional. A repercussão de seu romance e suas relações sociais o permitiram ingressar como climatologista no Serviço de Inspeção de Fronteiras, agência pela qual realizou sua primeira excursão pela Amazônia, entre o final de 1928 e início de 1929. Cerca de dez anos depois, em 1938, foi comissionado pelo Estado Novo para viajar novamente para a região com a intenção de escrever um livro inédito. As “Amazônias” de Gastão Cruls, seja a idealizada – quando o autor ainda não conhecia a região – ou experienciada, foram fundamentadas em um arcabouço de ideias consolidadas, que mesclaram-se com sua própria forma de descrever e representar as paisagens amazônicas. Portanto, a análise contribui para identificar as formas e estilos em como a região amazônica foi representada na literatura e no pensamento social brasileiro.

**Palavras-chave:** Amazônia; Gastão Cruls; natureza; representações.

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em História das Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz). ORCID: 0000-0002-0313-5328. E-mail: matheusvillani07@gmail.com

<sup>2</sup> Pesquisador da Fiocruz e professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz). ORCID: 0000-0002-4384-5105. E-mail: romulopa@gmail.com

**E**m 1953, o jornalista Rubem Braga<sup>3</sup> publicou na *Revista Manchete* uma crônica com o título de “Gastão Cruls, o Amazônico”. Aos leitores foi apresentada uma breve biografia sobre a vida e obra do médico e escritor Gastão Cruls, na época, sexagenário, autor de diversas publicações e consagrado romancista no círculo literário brasileiro. À princípio, o título da reportagem deveria gerar certa curiosidade, pois o prosônimo “amazônico” era atribuído a um escritor carioca. No entanto, no próprio conteúdo isso era justificado, Gastão Cruls ao longo de sua trajetória demonstrou um intenso interesse pelos assuntos da região amazônica.<sup>4</sup>

Gastão Cruls (1888-1959) foi instruído em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 1910. Seu interesse pela literatura data desde a juventude, porém, somente se aventurou pelo campo literário depois de formado. Em 1920, publicou sua primeira coletânea intitulada de *Coivara*. Após prestar serviço como médico-sanitarista no Serviço de Profilaxia Rural na Paraíba do Norte, Gastão publicou uma nova coletânea, com o título *Ao embalo da rede* (1923), utilizando suas experiências e as observações das paisagens da região. Seu interesse pela Amazônia ficou mais nítido a partir da publicação de seu romance *A Amazônia Misteriosa*, em 1925.

Inspirado na obra *A Ilha do Dr. Moreau* do ficcionista britânico H. G. Wells, *A Amazônia Misteriosa* lhe rendeu destaque no círculo literário e repercutiu positivamente no cenário nacional, inclusive ultrapassou essa dimensão, sendo publicado posteriormente em línguas estrangeiras. Quando decidiu publicar uma ficção sobre a Amazônia, Gastão fez sem a conhecer, in loco, o que exigiu uma profunda leitura de obras sobre região, tanto científicas quanto literárias. O escritor somente viria a conhecer a Amazônia alguns anos mais tarde quando, como climatologista, participou da expedição do Serviço de Inspeção de Fronteiras (SIF), chefiado pelo general Cândido Rondon. A inédita experiência lhe rendeu material para uma nova publicação, *A Amazônia que eu vi* (1930).

---

<sup>3</sup> Rubem Braga (1913-1990) foi um escritor, crítico literário e cronista brasileiro. Autor de diversas crônicas, foi, durante a Segunda Guerra Mundial, correspondente de guerra da Força Expedicionária Brasileira. Na década de 1950, já era amplamente conhecido como um dos mais brilhantes cronistas nacionais.

<sup>4</sup> Rubem Braga, “Gastão Cruls, O Amazônico”, *Revista Manchete* (out., 1953): 34-35.

Dez anos depois, retornou mais uma vez à Amazônia, agora comissionado pelo governo federal para estudar a região com a finalidade de produzir um livro sobre os principais aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena. O projeto havia sido encomendado inicialmente pela editora Payot, de Paris. Porém, acabou não sendo concluído, provavelmente pela capitulação da França em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Apesar disso, o escritor publicou um compêndio alguns anos depois, o qual chamou de *Hiléia Amazônica* (1944) e que reuniu tanto as anotações e materiais que coletou das viagens que fez quanto suas leituras sobre a Amazônia.

Desta forma, pretende-se através da análise textual de suas obras sobre a Amazônia compreender como Gastão Cruls a representou e a interpretou, em um contexto em que diferentes projetos políticos e econômicos estavam sendo direcionados para a região e que gradualmente passou a ser enquadrada como um espaço estratégico no cenário nacional e internacional. Os diferentes contextos de publicação de suas obras permeiam o final da década de 1920 até a metade da década de 1940. Assim, se encontram entre dois contextos contrastantes em relação ao percurso histórico da região amazônica.

O primeiro, pré-1930, em que os estados do Norte ainda vivenciavam o período de estagnação econômica após fim do Primeiro Ciclo da Borracha; a questão das fronteiras como um ponto de atenção, especialmente na Região Norte, que resultou no Serviço de Inspeção de Fronteiras; as primeiras iniciativas do projeto de colonização a partir da instalação de colônias agrícolas e o empreendimento de Henry Ford às margens do Tapajós. E o segundo, pós-1930, um período de gradual valorização da Amazônia para o projeto de capitalismo nacional e industrialização promovido pelo governo de Getúlio Vargas; da política de expansionismo interno da “Marcha para o Oeste”; do capítulo dos “soldados da borracha” e a importância que a Amazônia passou a assumir enquanto fornecedora de recursos estratégicos no esforço de guerra Aliado.

### **ENTRE IDEIAS E PROJETOS: A AMAZÔNIA BRASILEIRA.**

Quando mencionamos a palavra Amazônia é praticamente impossível desvencilhar da imagem instantânea da densa floresta verdejante, formada pela vegetação perenifólia, e do caudaloso rio Amazonas que escorre dos sopés dos Andes e vem desaguar no Atlântico. Representações presentes no imaginário social sobre a região que buscam sintetizar um espaço de dimensões continentais, simplesmente associado a um lugar da natureza. Mas qual seria o lugar da natureza? David Arnold (2000), através do que denominou de “paradigma ambientalista”, indica a possibilidade de compreender a ideia de natureza para além de um espaço intocado em que não houve a interferência humana, mas enquanto um reflexo da própria causa da condição humana, física, social e moral.<sup>5</sup>

A palavra “natureza”, pelo menos na história do pensamento ocidental, carregou ao longo dos séculos múltiplos significados. Raymond Williams (2011) expõe que a ideia de natureza carrega uma quantidade enorme de história humana. Entretanto, a figura do homem foi abstraída e separada no processo de desenvolvimento da ideia de natureza enquanto um espaço não humano.<sup>6</sup> No início do período moderno, a ideia de predominância do homem sobre a natureza configurou como o esforço humano no mundo. Porém, como apontou Keith Tomas (2010), mesmo que a ideia de domínio, de conquista, exercesse considerável influência na época, esse pensamento não se isentou de contestações. Surgiam dúvidas e hesitações sobre o significado da presença do homem no mundo e sua relação com a natureza. Estudos de história natural forneciam cada vez mais novas observações, interpretações e perspectivas em como pensar a natureza, contrastando com as percepções antropocêntricas.<sup>7</sup>

Para Pádua (2010), a compreensão dos desdobramentos humanos no mundo se consolidou através de uma relação de alteridade com os elementos pertencentes ao espaço não humano – a natureza. De forma que a ideia de humanidade se construiu em oposição à natureza, traçando para si um caráter distinto em relação a

---

<sup>5</sup> David Arnold, *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa* (México: Fondo de Cultura Económica, 2000), 16-17.

<sup>6</sup> Raymond Williams, “Ideias sobre a natureza”, In Raymond Williams, *Cultura e Materialismo* (São Paulo: Editora Unesp, 2011), 91-102.

<sup>7</sup> Keith Thomas, *O homem e o mundo natural* (São Paulo: Companhia das Letras, 2010), 344.

identificação e as qualidades humanas perante o mundo natural.<sup>8</sup> As reflexões entre o homem e o espaço físico que o rodeia são presentes desde o período clássico. Durante o século XIX, o determinismo geográfico influenciou diversas áreas do conhecimento, sendo presente em produções científicas, médicas, literárias e artísticas. O ambiente, através das condições climáticas e topográficas, atuava como um eixo determinante no desenvolvimento de uma sociedade, condicionando sua cultura, subsistência e instituições políticas. As características do meio, inclusive implicavam na condição de civilidade ou barbárie aplicada a uma sociedade.<sup>9</sup> As representações sobre a Amazônia também foram diretamente influenciadas pelas teorias deterministas, mas precedente a isso, devemos observar que em seu percurso histórico houve diversas óticas através das quais a região foi moldada, sintetizada, traduzida e interpretada.

Pode-se dizer que o pensamento de Gastão Cruls sobre a Amazônia sofreu das mesmas influências de ideias, imagens e interpretações que moldariam a forma como a região seria representada ao longo do século XX. O processo de formação desse imaginário social sobre a Amazônia, descrita enquanto um espaço natural e cultural, foi inventado e reinventado a partir de um conjunto limitado de ideias, conceitos, preconceitos e imagens presentes em um quadro mais amplo e diversificado da geografia do Novo Mundo. Esse arcabouço foi alimentado ao longo dos séculos por diferentes agentes, movidos à região por diferentes interesses.<sup>10</sup>

Como parte do “exótico”, desde os primeiros relatos de viagem a partir das expedições militares de exploração, a Amazônia foi sinônimo de “mistério” e “exuberância”. Em contrastes com outras paisagens conhecidas na época pelos europeus o conjunto de elementos envolvendo a diversidade da flora e da fauna e a extensão da bacia hidrográfica, que se estende desde o sopé dos Andes e vem desaguar no Atlântico, encantou muitos viajantes. A Amazônia, segundo Neide Gondim (1994), não foi descoberta ou conquistada, mas sim inventada. Nesse sentido, vejamos que o panorama da região amazônica definido no imaginário social e que se tornou elemento de vislumbre para os viajantes, escritores, cientistas, naturalistas e outros, foi resultado de uma construção que envolveu ideias que se consolidaram e

<sup>8</sup> José Augusto Pádua, “As bases teóricas da história ambiental”, *Estudos Avançados*, 24, 68, 2010, 81-110, 90.

<sup>9</sup> Arnold, *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa*, 17.

<sup>10</sup> Renan Freitas Pinto, *A viagem das ideias*, *Estudos Avançados* 19, 53, (abr. 1997): 97.

atravessaram os séculos. A invenção desse espaço amazônico transcorreu do contato do europeu com os territórios da América do Sul, mas delimitado por um imaginário ocidental orientado pelo contato da mentalidade europeia com o Oriente, com as experiências da viagem, diferentes climas, povos e culturas, especialmente através das excursões à Índia.<sup>11</sup>

Tradicionalmente, as interpretações e narrativas sobre a Amazônia privilegiaram seu meio. Enquanto um lugar da natureza, de exuberantes paisagens e vastos horizontes verdes, apequenou-se o homem, o elemento humano ofuscado em detrimento do elemento natural. A construção literária ocidental sobre os trópicos, englobando as regiões do dito “Novo Mundo”, se alternou ora reproduzindo aspectos positivos, ora negativos sobre a natureza – ou o excesso dela. A história da tropicalidade aqui, remete às primeiras viagens, o ineditismo das relações do europeu com às regiões da América, África e Ásia. Para David Arnold (2000), a invenção dos trópicos se desenvolveu a partir do século XVIII, durante a expansão do colonialismo europeu e o gradual aumento da presença europeia nas zonas tropicais. Os trópicos, enquanto um espaço conceitual amparada por uma literatura geográfica e médica, passou a sintetizar zonas complexos do mundo, condensando e suprimindo suas particularidades.<sup>12</sup>

Em síntese, a tropicalidade foi a experiência dos brancos setentrionais adentrando um mundo diferente do seu e interpretando-o como “exótico” em contraste com aquilo que tinham a partir da mentalidade europeia como “normal”. Da mesma forma que as perspectivas sobre os trópicos agregavam visões positivas como “paraíso terrestre”, paralelamente também difundiam visões negativas como um “espaço infernal” dependendo dos indivíduos que as produziram e o contexto em que estavam inseridos. Vejamos que a zona tropical, primeiramente, foi observada – pela ótica renascentista de harmonia entre o homem e natureza – um refúgio para a vida extremamente populosa dos ambientes europeus. Contudo, a partir da metade do século XVIII, houve um gradual aumento na produção de representações negativas

---

<sup>11</sup> Neide Gondim, *A invenção da Amazônia* (São Paulo: Marco Zero, 1994).

<sup>12</sup> Arnold, *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa*, 50, 131.

sobre os trópicos, especialmente a partir da literatura científica e dos relatos de viagem.<sup>13</sup>

A preconcepção desse ideário amplamente enraizado ajustou a forma de observar e representar os elementos encontrados no “Novo Mundo”, aspecto que, naturalmente, também influenciaria as produções interpretativas acerca da Amazônia. Portanto, as ideias e conhecimentos contidos nas produções textuais realizadas pelos que percorreram à Amazônia ou a ambientaram em suas obras, foram reproduzidas, adaptadas, reinventadas e incorporadas nas formas de descrever seus elementos naturais e culturais. Essas representações ecoaram em diversas produções, estabelecendo uma base para um imaginário que seria reproduzido em obras que se tornariam importantes referências para o estudo do desenvolvimento da história das ideias e do pensamento social sobre a Amazônia.

Souza Santos (2008) apresenta quatro quadros para compreender as ideias matrizes que envolveram as produções representativas sobre a Amazônia: a visão edênica; a visão dos naturalistas; visão administrativa e a visão ambientalizada. Decorrente das primeiras viagens ao Novo Mundo, a visão edênica reproduziu a “excessividade” de natureza como um reflexo do “paraíso terrestre”, uma observação atrelada à crise da explosão demográfica que ocorria nos principais centros urbanos europeus. Denota-se que os cronistas oscilaram em suas produções entre o edenismo e o infernal. A partir do século XVIII, a visão dos naturalistas viajantes privilegiara a descrição da fauna, flora e das culturas indígenas, registrando com maiores detalhes esses elementos. Entre o século XVIII e XIX, a visão administrativa promoveu através de diferentes formas a manutenção de posse territorial da Região Norte do país, esforço legado à República posteriormente. Por fim, a visão ambientalizada surgiu no pós-Segunda Guerra Mundial com propostas como a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), em que começou a ficar mais nítida a importância da região amazônica no equilíbrio ecológico do planeta.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Arnold, La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa, 133-134.

<sup>14</sup> Luiz Fernando Souza Santos, “Amazônia: das ideias de paraíso às ideias de ecossistema”. In RUGAI, Élida Bastos; PINTO, Renan Freitas (org.), Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro (Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008), 377-418.

Apesar de ser uma forma sistemática de compreender a história das ideias sobre a Amazônia, bem como os contextos de surgimento delas, não existe uma ruptura entre uma visão e outra, como se a mais contemporânea substituísse a anterior. Na história das ideias sobre a Amazônia são diversos os exemplos de como representações concebidas durante o século XVI aparecem em diferentes tipos de produções publicadas no século XIX e XX. Inclusive, a partir das últimas décadas do século XIX surgiram diversas narrativas ficcionais sobre a Amazônia no Brasil, onde predominou em grande parte das publicações a estética do realismo naturalista, ao passo que emergentes gêneros começavam a se popularizar, tais como a literatura fantástica e a ficção científica.

No processo de incorporação das representações literárias sobre a Amazônia e com a finalidade de a ambientar de forma mais atraente, a cultura letrada se apropriou de certas “visões”, perspectivas que resumiam e descomplexavam o conjunto de elementos presentes na região. Em seus processos criativos diversos escritores do século XX utilizaram os relatos dos cronistas que acompanharam as campanhas de exploração pelo interior da América do Sul e produziram registros imersos na concepção do “real-maravilhoso”, aspecto do contexto de produção.<sup>15</sup> Data da mesma época, primeiras décadas do século XX, a publicação de clássicos do pensamento social sobre a Amazônia, tais como *Inferno Verde* (1908), de Alberto Rangel e *À margem da história* (1909), de Euclides da Cunha.

No estudo sobre as representações, Roger Chartier (1991) argumenta que a representação consiste de um instrumento de conhecimento mediato que concebe a um objeto ausente “uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é”<sup>16</sup>. Em síntese, a representação consiste na forma pela qual os sujeitos individual ou coletivamente constroem significados sobre aspectos e elementos da realidade.<sup>17</sup> Durante o percurso histórico da Amazônia diversos exploradores, cronistas, naturalistas, médicos, botânicos, etnógrafos e viajantes percorreram a região com diferentes interesses e objetivos e buscaram traduzir – racionalizar – seus elementos. A Amazônia enquanto pano de fundo para as produções literárias e

<sup>15</sup> Francisco Foot Hardman, *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna* (São Paulo: Unesp, 2009), 25-29.

<sup>16</sup> Roger Chartier, *O mundo como representação*, *Estudos Avançados* 11, 5, (jan./abr., 1991): 184

<sup>17</sup> Roger Chartier, *Defesa e Ilustração da noção de representação*, *Fronteiras* 13, 25, (jul./dez., 2011): 20.

científicas configurou como um espaço multifacetado. Desta forma, perspectivas distintas e variadas fazem parte de um imaginário social sobre a região, tais como a de um “vazio demográfico”, “inferno verde”, “terra de ninguém”, do binômio “abandono-doença”, “celeiro do mundo”, “terra do futuro”, da “infinidade de recursos”.

Gastão Cruls, enquanto escritor e interessado nos assuntos sobre a Amazônia, produziu suas próprias representações, imagens e perspectivas. No intuito de assimilar ao seu entendimento a diversidade de elementos que compõem o panorama amazônico, o escritor em seu processo criativo utilizou de intensa e meticulosa leitura de produções que se tornaram referências sobre os aspectos da natureza e da cultura presentes na Amazônia, obras que viriam a se tornar a base discursiva de suas interpretações. A composição desse conjunto de ideias, conceitos e representações são de diferentes áreas do conhecimento, de diferentes autores e diferentes épocas, lidos pelo escritor entre nas primeiras décadas do século XX, acrescenta-se que grande parte dessas leituras somente foram possíveis pela fluência de Gastão Cruls nas línguas estrangeiras, tais como inglês, francês e espanhol.

Ao longo da década de 1920, a situação da Amazônia após o fim do Primeiro Ciclo da Borracha era de estagnação e isolamento. O período áureo da região, das prosperidades providas pelo monopólio da borracha, contrastava com a abandono, as doenças e uma perspectiva hostil das condições naturais. Semelhante a outros espaços do interior do Brasil, a região amazônica passou a ser observada pelas elites políticas como um território vazio: um “mundo distante”. No pós-1930, essas narrativas foram adaptadas e incorporadas no discurso oficial, o qual enquadrava a região amazônica enquanto um espaço estratégico no processo de industrialização e, conseqüentemente, no projeto de capitalismo nacional. Ressalta-se que durante o Estado Novo (1937-1945), o discurso sobre a Amazônia alcançaria um novo patamar, o arcabouço de ideias mobilizado nas políticas direcionadas para a região herdou muitos aspectos da Primeira República, mas a destacavam, veementemente, como uma região rica em recursos naturais. Confiantes na capacidade da ciência e da técnica, na concepção estadonovista, bastava apenas vencer a natureza.

O contexto de produção e publicação das obras de Gastão Cruls sobre a Amazônia perpassam o período do final da Primeira República, em que regimentos

militares refletiam a presença do Estado e foram responsáveis pela realização de projetos estratégicos direcionados ao interior do país, tal como o Serviço de Inspeção de Fronteiras, ao período de valorização da Amazônia no pós-1930, contexto em que passa a ser inserida no projeto de nação proposto pelo governo de Getúlio Vargas. O interesse pela Amazônia e a influência de suas relações com nomes importantes permitiram que Gastão Cruls fosse financiado pelo Estado Novo para realizar uma viagem para a Amazônia, em um período em que o governo federal buscava incentivar estudos sobre a região que viessem auxiliar as políticas públicas direcionadas à ela.

### **MÉDICO, ROMANCISTA E INTÉRPRETE DA AMAZÔNIA: A TRAJETÓRIA DE GASTÃO CRULS.**

Gastão Luiz de Oliveira Cruls nasceu em 4 de maio de 1888, na cidade do Rio de Janeiro. Filho do cientista belga Louis Cruls<sup>18</sup>, mais conhecido por ter chefiado a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, em 1892. Na época do nascimento de Gastão, a família Cruls residia nas dependências do Observatório do Rio de Janeiro, em moradia reservada ao diretor, seu pai. Após concluir os estudos no Colégio Pedro II, o jovem Gastão optou por seguir a carreira médica, prestando exame de admissão na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde ingressou em 1905.

Enquanto estudante, Gastão se envolveu na prática clínica, trabalhou como interno em algumas enfermarias, entre elas a dirigida pelo médico Augusto Brant Paes Leme. Em seu quarto ano de curso, Gastão ingressou na Santa Casa de Misericórdia dirigida pelo médico Miguel de Oliveira Couto, onde teve por companheiro de clínica o também estudante Miguel Osório de Almeida, com o qual preservou grande amizade.<sup>19</sup> Após formado, em 1911, permaneceu no quadro de funcionários da Assistência Pública do Distrito Federal, tornando-se subcomissário e posteriormente comissário médico. Em 1921, exonerou-se do cargo para assumir a função de inspetor sanitário no recém-criado Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP).

Foi a partir de sua atuação no DNSP que Gastão teve contato com o interior brasileiro. Entre 1921 e 1923, prestou serviço como médico-sanitarista e subchefe da

---

<sup>18</sup> Louis Ferdinand Cruls (1848-1908) foi um cientista, astrônomo e geodesta belga que atuou no Brasil. É mais reconhecido por ter exercido a função de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, entre 1881-1908, e chefiar a Comissão de Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892), a qual foi responsável pela demarcação do quadrilátero Cruls.

<sup>19</sup> Renard Perez, "Vida de Escritores: Gastão Cruls", *Correio da Manhã*, 8 de outubro de 1955, 8.

Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural da Paraíba. Em 1923, retornou ao Rio de Janeiro para exercer novamente o serviço de inspetor sanitário. Foi somente após sua formação que Gastão Cruls começou a se interessar de forma mais séria pela escrita literária, mesmo que desde a juventude expressasse seu gosto pela literatura foi somente por volta de 1914 e 1915 que começou a escrever seus primeiros contos publicando-os alguns anos mais tarde na *Revista do Brasil*, na época sob direção do escritor Monteiro Lobato (1882-1948).

Foi durante esse período que Gastão Cruls se aproximou do escritor de *Inferno Verde*, Alberto Rangel. Mais tarde, em 1929, quando concedeu uma entrevista ao *Diário da Manhã*, o escritor carioca declarou:

Dos nossos escritores, aquele que mais influência exerceu sobre a minha formação literária foi Alberto Rangel, que considero como meu mestre e é hoje um dos meus maiores amigos. Contudo, mal o conhecia quando apareceu o seu **Inferno Verde**, livro que me causou uma profunda emoção e até hoje releio com particular encanto.<sup>20</sup>

Não se pode afirmar ao certo o que despertou o interesse do jovem Gastão pela Amazônia, talvez por influência de Alberto Rangel, como o próprio declarou ser a principal influência para sua carreira literária, ou talvez pelos trabalhos de seu pai na Amazônia como chefe da Comissão Brasileira envolvida com a demarcação das fronteiras com a Bolívia e Peru, fato que resultaria no Tratado de Petrópolis (1903) e na incorporação do Acre. Independente das causas que induziram o despertar de um interesse particular na Amazônia, o conjunto de publicações demonstra certa permanência do tema ao longo de sua trajetória literária, inclusive antes de falecer pretendia escrever um novo romance ambientado na região amazônica.

Como escritor, Gastão Cruls tornou-se mais presente no círculo literário por volta de 1917, quando se aproximou do escritor Antônio Torres (1885-1934), porém diferente de muitos escritores da época, não se vinculou ao movimento modernista. Desde então era frequentemente visto na companhia de outros escritores, tais como Gilberto Amado (1887-1969), Lima Barreto (1881-1922) e diversos outros frequentadores da roda de bar apelidada de “pilotos”, ou “amigos de Antônio Torres”.

<sup>20</sup> Diário da Manhã, “O escritor Gastão Cruls falou ao “Diário da Manhã”, 26 de janeiro de 1929, 2.

Esse grupo reunia-se com frequência no Bar Nacional – um tradicional botequim carioca localizado no térreo do Hotel Avenida – e permaneceu ativo até 1926, quando Antônio Torres partiu para a Europa. O escritor Monteiro Lobato também participava do grupo em suas visitas ocasionais ao Rio de Janeiro.<sup>21</sup>

Monteiro Lobato incentivou a publicação dos primeiros contos de Gastão Cruls na *Revista do Brasil*. A revista foi criada e idealizada pelo jornalista Júlio de Mesquita, em 1916, mas a partir de 1918 e até 1925, Lobato assumiu a direção, passando a estimular a expansão de sua circulação para além de São Paulo e o ineditismo das publicações. Na função de direção da atividade editorial, Lobato convidava nomes conhecidos e até mesmo os próprios leitores a submeterem material para a revista. Abordando variados assuntos, a revista reuniu um conjunto heterogêneo de colaboradores.<sup>22</sup> Gastão Cruls, tal como muitos de seus contemporâneos, exemplos como Afrânio Peixoto e João Peregrino Júnior, transitou entre o campo das letras e o da ciência – especialmente o da divulgação científica. Destaca-se que as fronteiras entre o campo literário e o científico no Brasil ainda estavam se ajustando, visto que começaram a se delimitar de forma mais nítida a partir das primeiras décadas do século XX.<sup>23</sup>

Encorajado pela crítica positiva recebida por seus contos e incentivado por seus colegas e amigos escritores, Gastão Cruls publicou seus primeiros livros no início da década de 1920, intitulados de *Coivara* (1920) e *Ao embalo da rede* (1923). Ambos coletânea de contos, *Coivara*, publicado pela Livraria Castilho, reuniu as publicações já presentes na *Revista do Brasil* e algumas outras inéditas, enquanto o processo criativo de *Ao embalo da rede* foi inspirado nas experiências do escritor enquanto esteve na Paraíba do Norte como médico-sanitarista. Em suas primeiras obras o autor já aplicaria uma característica que perpassou grande parte de suas publicações, as experiências e vivências de Gastão Cruls serviram de inspiração para os elementos ficcionais. O tirocínio clínico, os debates contextuais, os estudos e conhecimentos

<sup>21</sup> Gastão Cruls, "A "roda" de Antônio Torres, no "Bar Nacional". In Luís da Câmara Cascudo, *Antologia da alimentação no Brasil* (São Paulo: Global Editora, 2014): 266-269, 266.

<sup>22</sup> Tânia Regina de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação* (São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999), 44.

<sup>23</sup> O resultado do impulso científico e a compreensão da ciência como caminho para a civilização e progresso induziu ao definitivo distanciamento e ruptura entre o "fazer científico" e o "fazer literário", com as especializações acadêmicas e o demérito do conhecimento enciclopédico, a identidade do cientista, enquanto intelectual, se construiu antagonicamente à figura do literato. Ver Dominichi Miranda de Sá, *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006).

foram mobilizados pelo escritor de forma que viriam a compor a fisionomia literária de suas obras. Desta forma, a própria vida de Gastão Cruls, reflete a composição de seus personagens, conteúdos, situações e cenários de seus contos e romances.<sup>24</sup>

Acrescenta-se que as primeiras obras de Gastão Cruls mesclaram temas que envolveram tanto o emprego de uma forma descritiva presente no pensamento social ao retratar o interior brasileiro quanto temáticas mais familiares ao meio urbano. Seu primeiro romance *A Amazônia Misteriosa*, ambientado na Amazônia, também se caracterizou pela forma literária utilizada pelo escritor, onde, como apontou Marco Paiva (2019), configuram “os dilemas e dramas de ordem psicológica a afetar os diferentes personagens, de um lado, e a tradição literária acerca da abordagem dos sertões e da natureza no Brasil, de outro.”<sup>25</sup>

Ao decidir utilizar a Amazônia como pano de fundo de seu primeiro romance, Gastão Cruls fez sem a conhecê-la de fato, *in loco*. Somente visitaria a região alguns anos mais tarde, em 1928, ao ingressar como climatologista no Serviço de Inspeção de Fronteiras. A iniciativa era chefiada pelo já conhecido militar e sertanista Cândido Rondon, familiarizado com o interior do Brasil devido aos projetos de construção das linhas telegráficas. Nestor Passos, na época ministro da Guerra, nomeou Rondon para chefiar uma força-tarefa com o objetivo de inspecionar as condições de povoamento e a segurança das fronteiras. Esse objetivo esteve alinhado à estratégia de defesa da soberania do território nacional em urgência por conta de pendências sobre limites fronteiriços e acordos de demarcação não concluídos. Criado no governo de Washington Luís (1926-1930), o Serviço de Inspeção de Fronteiras realizou três campanhas, contemplando as fronteiras do Norte, Oeste e Sul. A primeira e a segunda campanha foram direcionadas ao Norte, realizadas entre 1927 e 1929, enquanto a terceira foi direcionada às fronteiras do Oeste e Sul.<sup>26</sup>

Foi durante a segunda campanha, empreendida entre o segundo semestre de 1928 e se estendendo até o início de 1929 que Gastão Cruls integrou a turma responsável pela inspeção das fronteiras com a Guiana Holandesa, comandada

<sup>24</sup> Vitor da Matta Vivolo, “Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira,” (Mestrado, dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017).

<sup>25</sup> Marco Aurélio Coelho Paiva, “A ordem e a desordem da natureza: o sertão e a Amazônia em Gastão Cruls, *Sociologias* 21, 51, (mai./ago., 2019): 260.

<sup>26</sup> Carlos Augusto da Rocha Freira, *Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena* (Brasília: Abravideo, 2009), 86.

diretamente pelo general Rondon.<sup>27</sup> Havia grande expectativa por essa específica expedição, pois a tarefa de chegar até o limite com a Guiana Holandesa era nutrida de certo ineditismo, em vista de nunca ter sido alcançada pelo lado brasileiro devido a inexistência de trechos de fácil acesso à Serra Tumucumaque. Após a viagem, Gastão decidiu publicar um relato em forma de diário de campo, onde descreveu suas impressões e experiências dos quase cinco meses que passou em meio a selva amazônica. Ao livro atribuiu o título de *Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*.

Após publicar seu relato de viagem, o escritor obteve certo reconhecimento e já aparecia no círculo literário da época como relevante romancista e estudioso da Amazônia. Em 1929, o escritor brasileiro Severiano Nunes Cardoso de Rezende assumiu a seção ‘*Lettres Brésiliennes*’, na revista francesa *Mercure de France*<sup>28</sup>. Em sua primeira crônica sobre a cultura brasileira e a literatura sobre a Amazônia, Rezende apresentou aos leitores sínteses das obras de Alberto Rangel e de Gastão Cruls.<sup>29</sup> Observa-se que o escritor carioca configurou ao lado de importantes nomes do pensamento social sobre a Amazônia, além de Alberto Rangel, Cruls também aparece com certa frequência ao lado de nomes como Raimundo Moraes, Euclides da Cunha, Inglês de Souza, José Veríssimo e outros.<sup>30</sup> Destaca-se que a Amazônia, enquanto sigma do exotismo dos trópicos, despertava um enorme interesse aos leitores europeus, especialmente na França.<sup>31</sup>

Durante o período de expansão das atividades editoriais no Brasil na década de 1930, ao lado do amigo e ensaísta Agripino Grieco (1888-1973), Gastão Cruls fundou a Editora Ariel, localizada na cidade do Rio de Janeiro e que permaneceu em atividade entre 1930 e 1939. Com a intenção de ampliar a publicidade dos livros lançados pela recém-fundada editora, lançaram o *Boletim de Ariel* em outubro de 1931, com Cruls e Grieco, respectivamente, diretor e redator-chefe. Assuntos sobre a Amazônia

---

<sup>27</sup> Governo do Brasil, Ofício do Ministério da Guerra de 23 de agosto de 1928, “Autoriza o Dr. Gastão Luiz Cruls a acompanhar o general Cândido Mariano Rondon na viagem de inspeção às fronteiras do norte do Brasil”, Diário Oficial da União, seção 1, 23 de agosto de 1928.

<sup>28</sup> Fundada em 1672 pelo escritor francês Jean Donneau de Visé, originalmente com o título de *Mercure Galant*, que se tornou a *Mercure de France*. A revista literária passou por diversas transformações, se consolidando entre os demais periódicos franceses no final do século XIX, ver Camila Soares López, “*Mercure de France: de Donneau de Visé à Alfred Vallete, da série moderne à maison d’édition*”, *Faces da História*, 1, 1 (Agosto 2014): 51-70.

<sup>29</sup> O Paiz, “Propaganda do Espírito”, 8 de março 1929, 3.

<sup>30</sup> Antônio Augusto Alves de Souza, O Paiz, “O Paraíso Verde”, 19 de junho de 1926, 3.

<sup>31</sup> Renato Rodrigues de Lima Júnior, “O refratário e abnegado José Severiano de Rezende”, (Mestrado, dissertação, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002), 147.

passaram a ser recorrentes nas páginas do mensário, acredita-se que muito pela influência de Cruls na direção da revista. Em suas páginas o *Boletim* reuniu temas sobre literatura, artes e ciências, dedicando especial atenção aos escritores nacionais.<sup>32</sup>

Além de se aventurar pelo campo editorial, em 1936, Gastão Cruls deixou o cargo de inspetor sanitário para assumir o cargo de bibliotecário na recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF), instituição idealizada por Anísio Teixeira, na época, secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal.<sup>33</sup> Em correspondência, Carlos de Lima Cavalcanti, governador de Pernambuco, solicitou à Anísio Texeira o aproveitamento de Gastão Cruls para o Departamento de Difusão Cultural e Propaganda da Prefeitura do Distrito Federal.<sup>34</sup> Contudo, deixava à critério do endereçado a escolha do cargo, mas era implícito que aceitasse a recomendação.<sup>35</sup> Um fato curioso dessa parte da trajetória de Gastão Cruls consiste em que o escritor foi um dos poucos que conseguiu se manter em seu cargo após o conturbado período deflagrado pela Intentona Comunista, em novembro de 1935. O evento resultou em afastamentos e perseguições, entre elas a do próprio Anísio Teixeira, o que minou as bases da UDF, fechada em 1939. Mesmo ano que Gastão assumiu o cargo de chefe da Divisão de Biblioteca e Cinema Educativo do Distrito Federal, no qual se aposentaria.<sup>36</sup>

Após as transformações advindas pelo Golpe de 1930, a Região Norte foi inserida com maior ênfase em um projeto de nação que envolvia seu aproveitamento racional para a industrialização e desenvolvimento econômico do país. O caráter autoritário que o regime varguista assumiu com o Estado Novo permitiu ao governo exercer enorme poder na articulação e organização social, fato que resultou no corporativismo e na ampla participação de grupos sociais. Os intelectuais que já haviam marcado presença em outros períodos de transformação na história nacional

---

<sup>32</sup> Ao longo da década de 1930, a Editora Ariel publicou uma série de obras inéditas, traduziu e reeditou tantas outras, para citar algumas, *Dança sobre o abismo* (1932) e *Dias e horas de vibração* (1933), de Gilberto Amado; *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), de Jorge Amado; *Em surdina* (1933), de Lúcia Miguel Pereira; *Almas sem abrigo* (1933), de Miguel Ozório de Almeida; *Samambaia* (1934), de Edgard Roquette-Pinto; *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos.

<sup>33</sup> O Globo, "Bibliotecario da Universidade do Distrito Federal", 22 de janeiro de 1936, 2.

<sup>34</sup> Carlos de Lima Cavalcanti a Anísio Teixeira, 4 de junho 1935, Arquivo Anísio Teixeira, série Correspondência, AT c 1935. 06.04/2, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

<sup>35</sup> Não se pode afirmar que Gastão Cruls tenha assumido o cargo na UDF por meio desta recomendação de Cavalcanti, nem é nossa intenção, mas certamente a documentação indica um estreito laço que o escritor sustentava com parte da elite política da época.

<sup>36</sup> João de Sousa Ribeiro Filho, *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas (1565-1965)* (Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965), 87.

passaram, com a instauração do Estado Novo, a desempenhar um importante papel na organização política-ideológica do regime. Para além da imagem de produtores culturais e sujeitos sociais envolvidos na construção de ideias, tornaram-se também participantes e difusores do projeto ideológico estadonovista.<sup>37</sup> Sérgio Miceli (1979) enfatizou a importância da presença intelectual na promoção e manutenção do regime e que essa colaboração lhes proporcionou acesso à postos e carreiras burocráticas em diversos setores do serviço público, tal como a educação, cultura, segurança, propaganda e justiça.<sup>38</sup>

Em relação à Amazônia, os ideólogos estadonovistas no processo de criação de um repertório cultural utilizaram imagens, personagens, objetos, interpretações e representações já presentes no imaginário popular sobre a região. Esse arcabouço de ideias auxiliou na construção de argumentos que embasaram os projetos promovidos pelo poder central, sendo amplamente mobilizado pelo discurso oficial.<sup>39</sup> Na composição desse ideário oficial sobre a Amazônia foram incorporadas perspectivas de autores da Primeira República. Ideias presentes nas obras de Euclides da Cunha, Alberto Rangel e Alfredo Ladislau configuraram com certa ênfase dentre as imagens sobre a Amazônia difundidas pelo Estado Novo. A situação de “atraso” passaria a ser associada ao abandono e negligência dos governos anteriores e não mais as condições naturais da região, essas ainda eram retratadas como obstáculos para a modernização, porém não mais determinavam o futuro da Amazônia. O ideário oficial auxiliou na composição das propostas do governo federal direcionadas à Amazônia. Além disso, muitas das perspectivas presentes na década de 1930 e 1940 consolidaram-se e passaram a ecoar em futuras políticas públicas para a Amazônia.<sup>40</sup>

O Estado Novo comissionou a viagem de Gastão Cruls à Amazônia. Em janeiro de 1938, o *Jornal do Brasil* apresentou com detalhes um acordo entre o escritor carioca e a editora francesa Payot que resultaria em sua segunda viagem para a região, realizada no final do mesmo ano. O acordo previa uma viagem de considerável

<sup>37</sup> Monica Pimenta Velloso, “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado, *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007), 148-149.

<sup>38</sup> Sérgio Miceli, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)* (Rio de Janeiro: DIFEL, 1979), 131.

<sup>39</sup> João Marcelo Ehlerl Maia. “As Ideias que fazem o Estado andar: Imaginação espacial, pensamento brasileiro e território no Brasil Central”, *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 53, 3 (2010): 621-655.

<sup>40</sup> Autor.

duracão às regiões banhadas pelo rio Amazonas, com o objetivo de coligir material de interesse para a produção do livro. Na opinião do jornal, o pedido, vindo diretamente dos bulevares da capital francesa, sob forma de curiosidade e interesse refletia a projeção mundial da Amazônia brasileira.<sup>41</sup> Aproximadamente dez anos desde sua primeira viagem à região amazônica, Gastão Cruls visitou o presidente Getúlio Vargas no Palácio do Catete. O motivo da visita ao presidente teve por intenção obter autorização e financiamento para realizar sua expedição. Autorizado, Gastão recebeu a quantia de quinze contos de réis (15:000\$000).<sup>42</sup> No início de 1939, o escritor carioca retornou ao Rio de Janeiro com as anotações e experiências recolhidas em viagem, o material, em conjunto com a expressiva leitura sobre a região, deu origem a publicação do compêndio *Hiléia Amazônica: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena* (1944).<sup>43</sup>

Veremos que as narrativas produzidas por Gastão Cruls foram permeadas por escolhas do próprio autor e atravessadas por fatores relativos aos contextos de produção, sua formação, experiências, leituras, influências, inspirações, lugar social, meio intelectual, suas viagens e outras questões que envolveram seu processo criativo e produção textual, ou seja, nas formas como, ao longo de sua trajetória, o escritor construiu suas impressões sobre a região amazônica em suas publicações, tanto as de cunho exclusivamente literário quanto as atreladas à divulgação do conhecimento científico.

## **A CONSTRUÇÃO DA NATUREZA AMAZÔNICA: IMAGINAÇÃO, OBSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO EM GASTÃO CRULS.**

Durante a década de 1920, contexto de produção e publicação da *A Amazônia Misteriosa*, uma série de representações sobre a Amazônia já estavam consolidadas no imaginário social, as quais apresentavam uma imagem do panorama natural e cultural. Assim, no imaginário social da época, a Amazônia era descrita como um imenso “vazio”, de paisagens verdejantes e impenetráveis, de rios caudalosos e perigos

<sup>41</sup> Jornal do Brasil, “A projeção universal da Amazonia”, 8 de setembro 1938, 5.

<sup>42</sup> Governo do Brasil, Ofício do Ministério da Fazenda de 9 de agosto 1938, Diário Oficial da União, 18 de agosto 1938. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2385362/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de18-08-1938>. Acesso em 7 de janeiro de 2021.

<sup>43</sup> Ao que tudo indica, o projeto do livro, inicialmente encomendado pela editora francesa foi abandonado no decorrer da Segunda Guerra Mundial, em 1940, após a ocupação alemã na França.

constantes e que muito despertava a curiosidade dos viajantes, de homens de ciência e de letras. A “Amazônia” presente no romance de Gastão Cruls não esteve desalinhada da forma em como a região era representada na época, muito pelo contrário, fundamentou-se na perspectiva do mistério, do enigma, das lendas que se “escondem” por trás da selva, fato que reflete o próprio desconhecimento do território nacional, característica do contexto de produção da obra.

Pode-se dizer que a incompreensão e a dificuldade de conseguir traduzir a diversidade de elementos que compõe a Amazônia levou diversos autores a recorrerem a perspectivas mais gerais, representações que condensaram as particularidades da região. Esse fato, em conjunto com perspectivas já consolidadas, gerava o sentimento de mistério, de um eterno "desvendar", intensificado ainda mais pela presença das diversas lendas, tais como de “Eldorado”, do “O reino das pedras verdes” e da “tribo das Amazonas”. As lendas, assim como a visão de “floresta enigmática”, configuram com importantes significados no romance de Gastão Cruls. Destaca-se que essas representações, as quais enfatizavam a predominância de uma perspectiva misteriosa sobre a Amazônia, tornaram-se uma característica atraente para a composição da literatura especulativa, especialmente na literatura fantástica e ficção científica.<sup>44</sup>

Outro elemento que fica explícito consiste no uso de uma visão idealizada da natureza, a qual harmoniza com a temática de “mundo perdido”, fixada por Gastão Cruls no romance. Como aponta Mary Louise Pratt (1992), os escritos de Alexander von Humboldt foram fundamentais para a reinvenção da América do Sul como um lugar da natureza.<sup>45</sup> Essa perspectiva, a qual atribui-se a Humboldt sua criação e consolidação enquanto um enquadramento estético para observar a região amazônica, denominada por ele como o "maior quadro da natureza", privilegiou a imensidão das paisagens sobrepondo-se ao elemento humano quase imperceptível perante a grandiosidade de uma natureza idealizada. Assim, a perspectiva humboldtiana combinou o exótico, o romântico e o científico, definindo a imagem das Américas enquanto um espaço predominantemente da natureza, uma visão de mundo

<sup>44</sup> Hardman, A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna, 29.

<sup>45</sup> Mary Louise Pratt, *Imperial Eye: Travel, Writing and Transculturation* (London/New York: Routledge, 1992), 120.

que viria a inspirar diversos naturalistas, escritores e pintores (Escola do Rio Hudson)<sup>46, 47</sup>.

Na ficção científica sobre a Amazônia, as perspectivas de Humboldt e outros viajantes-naturalistas tornaram-se importantes bases com as quais os escritores ilustrariam o pano de fundo de suas histórias, tal como o fizeram Arthur Conan Doyle, em *O mundo perdido* (1912) e Júlio Verne, em *A Jangada: 800 léguas pelo Amazonas* (1881). Segundo Neide Gondim (1994), o uso dos relatos de viagem e das publicações produzidas pelos naturalistas-viajantes foi amplamente utilizada como base fundamental na produção literária sobre a Amazônia. Fato que pode ser observado pelo caso do ficcionista francês Júlio Verne que, na intenção de atestar maior veracidade ao seu romance, utilizou obras produzidas por Humboldt, Louis Agassiz, Charles-Marie de La Condamine e outros.<sup>48</sup> No Brasil, a recepção dos clássicos da literatura de ficção, de autores como Júlio Verne, Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Herbert George Wells e outros influenciaria diretamente nas produções nacionais.

Na *A Amazônia Misteriosa* (1925) – considerada importante obra da fase precursora da ficção científica brasileira, que antecedeu a Primeira Onda do gênero no país – Gastão Cruls se inspirou diretamente no livro *A Ilha do Dr. Moreau* (1896), do ficcionista inglês H. G Wells. Contudo, diferente de outros escritores brasileiros, que igualmente travaram assídua leitura das obras de Wells e absorveram os elementos das teorias do darwinismo social incorporadas no pensamento do ficcionista inglês, Gastão Cruls se distanciou dessa vertente, ou seja, não absorveu tais influências, aproveitando somente dos estímulos narrativos utilizados por H. G. Wells.<sup>49</sup>

A história do romance tem início em meio a selva amazônica, porém não se sabe nem o objetivo da presença da expedição, nem sua localização precisa. A expedição é composta por oito membros: “Doutor” (protagonista), Braulino, Galdino, João, Manoel, Pacatuba, Piauí e Trindade. Em dado momento o protagonista chamado apenas de “Doutor” – uma espécie de alter ego de Gastão Cruls – junto a dois

<sup>46</sup> A Escola do Rio Hudson foi um movimento artístico estadunidense inspirado na mescla criativa entre o romantismo e o realismo. Entre seus principais expoentes estão os pintores Frederic Edwin Church (1826-1900); Thomas Cole (1801-1848) e Asher Brown Durand (1796-1886). Ver Kevin J. Avery, “A historiography of the Hudson River School”, In Kevin J. Avery *et al.*, *American Paradise: The World of the Hudson River School* (New York: Metropolitan Museum of Art, 1987), 3-20.

<sup>47</sup> Arnold, *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa*, 134.

<sup>48</sup> Gondim, *A invenção da Amazônia*, 139-141.

<sup>49</sup> Roberto de Sousa Causo, *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003), 176.

companheiros, Pacatuba<sup>50</sup> e Piauí<sup>51</sup>, se perdem na mata. Inicialmente, a narrativa do romance é conduzida em forma de diário, dividida em intervalo de dias até chegar ao segundo capítulo, momento em que os três personagens se perdem do grupo e a narrativa adota um estilo mais tradicional do romance, sendo a história narrada diretamente pelo protagonista.

Na intenção de encontrar o acampamento, os três começam a perambular pela floresta, quando são cercados e capturados por guerreiros indígenas e escoltados até a cidade perdida das Amazonas. No caminho, quando ainda escoltados pelos nativos, Piauí se perde e desaparece. Assim, somente “Doutor” e Pacatuba chegam até a cidade rodeada de muros de pedra, em pleno coração da selva. Ao chegar lá, eles descobrem a presença de um médico alemão chamado Jacob Hartmann, o qual juntamente com sua esposa francesa Rosina, vivia ali há algum tempo.<sup>52</sup> Durante a permanência, “Doutor” e Pacatuba aprendem os hábitos e costumes das Amazonas, como também passam a se envolver ainda mais no mistério que explicaria a presença do médico alemão ali.

Em certa passagem, Doutor, ao se aventurar por uma área restrita da cidade, avista estranhas criaturas – animais híbridos – e um hominídeo, desvendando os experimentos que Hartmann vinha realizando a partir do cruzamento de diferentes espécies. Agora na condição de prisioneiros, “Doutor” e Rosina se apaixonam e decidem planejar uma fuga. Quando a estação das cheias chega, ambos, juntamente com Pacatuba, arriscam uma fuga pelo rio. Descobertos, são perseguidos pelas Amazonas e Rosina é atingida por uma flecha envenenada, morrendo nos braços do Doutor, encerrando a narrativa.<sup>53</sup>

A natureza amazônica retratada por Gastão Cruls mescla imagens que por um lado remetem a “monotonia” de uma natureza monocromática, da “vertigem do vazio” e, de outro, explicitam sua diversidade. Destacam-se que ambas as perspectivas não

---

<sup>50</sup> Pacatuba é descrito desde o início do romance como um caricato nordestino que constantemente relata diversas informações e vivências de sua terra natal. Participou da corrida pela borracha que levou muitos de seus conterrâneos à Amazônia durante o período áureo da região.

<sup>51</sup> Piauí é descrito como um experiente mateiro, acostumado com a vida na floresta. Quando desaparece no caminho para a cidade perdida das Amazonas, fica subentendido que o personagem contraiu malária. As febres intermitentes o levaram a um acesso de delírio sumindo em meio a selva.

<sup>52</sup> Gastão Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 9ª Edição (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1973), 18-48.

<sup>53</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 49-162.

são, de certa forma, contrastantes. Observemos que em certo trecho o protagonista “Doutor” utiliza uma “memória” dos relatos Louis Agassiz:

Hoje, pela primeira vez, dei razão a Agassiz, quando fala na “monotonia triste e enfadonha” das paisagens amazônicas. É verdade que, mais do que nunca, estamos agora num trecho em o rio é tortuoso e a floresta, fechada e opressiva, nos cerca por todos os lados. Uma ou outra árvore florida, ou a plumagem brilhante de qualquer pássaro são incidentes mínimos e sem nenhum relevo, quando se tem diante dos olhos a amplidão do mataréu sem fim. Nem mesmo há aqui a gradação dos verdes. Uma única e mesma tinta sombria empasta a vegetação [...].<sup>54</sup>

Se o escritor construiu uma perspectiva que “observada” da calha do Amazonas provocava o sentimento de monotonia ao personagem, isso pouco se modifica quando o mesmo adentra a floresta, onde novamente outras leituras são “invocadas” pelo “Doutor”, “[...] só então compreendi por que o botânico Spruce, quando em viagem pela Amazônia, nunca se separava de um telescópio”<sup>55</sup> e “Se não me falha a memória, é de Bates a justa observação de que a natureza tropical vive intensamente e, livre do inverno [...]”<sup>56</sup>. Porém, a permanência no interior da selva deixaria mais nítida o fator do conflito, da experiência aterradora:

Era por essa luz que nós também aspirávamos, viesse ela apenas da estreiteza de uma fresta que nos abrisse perspectivas, permitindo ajuizar da maior ou menor proximidade do rio. Mas, para tanto, seria preciso dominar a floresta, sobranceando o monstro de grenha verde que nos retinha entre as suas malhas. E, assim mesmo, na bacia infindável da Amazônia, onde os horizontes são ilimitados e quase sempre se batem numa linha unida....<sup>57</sup>

Esse tipo de perspectiva conflitante afirmou-se na literatura através do romance naturalista, influenciado por uma visão de mundo difundida pelo ideário darwinista social, característica que marcaria a formação da elite brasileira nas últimas décadas do século XIX. Foi justamente nesse período que a literatura brasileira de ficção, especialmente suas versões regionalistas, incorporaram a linguagem da luta, do conflito, em seu processo criativo, explorando em diferentes perspectivas as

<sup>54</sup> Cruls, A Amazônia Misteriosa, 8.

<sup>55</sup> Cruls, A Amazônia Misteriosa, 23.

<sup>56</sup> Cruls, A Amazônia Misteriosa, 11.

<sup>57</sup> Cruls, A Amazônia Misteriosa, 18.

temáticas e tensões entre a natureza e o seu papel como perpétua adversária do homem.<sup>58</sup> Apesar do conflito entre o homem *versus* natureza ser uma característica constante na produção literária sobre a Amazônia, especialmente nas de caráter aventuresco, as condições naturais aparecem no romance de Gastão Cruls de forma mais passiva que em relação a outras obras do início do século XX, tais como em *Inferno Verde* e *Um paraíso perdido*, em que as “ações” da natureza se desenvolvem contra a presença do homem. A utilização de termos como “dominar a floresta” e “monstro de grenha verde” indicam uma percepção da natureza como hostil ao elemento humano, ou seja, os personagens ali são, de certa forma, “invasores”. Embora exista um conflito fixado pelo escritor nessa relação, a influência do meio não configura de forma significativa, nem interfere no desenvolvimento dos personagens.

A questão das doenças, aspecto constante no imaginário sobre a Amazônia, pouco aparece. Somente Piauí, o experiente mateiro que se vangloriava das vitórias sobre a natureza amazônica, sofre de algum tipo de febre, como fica entendido no trecho em que desaparece e em que o “Doutor” lamenta: “No estonteamento do delírio, fora-nos para sempre o companheiro. Matá-lo-ia a própria febre? Ainda com vida, teria servido de pasto às onças? Afogar-se-ia nas águas da lagoa?”<sup>59</sup>. Impossível não lembrar do personagem Souto de *Inferno Verde*. Nos desperta a curiosidade pensar se Piauí, um personagem que se destacava como um vitorioso sobre a floresta, não ter sido mais um exemplo fatal do enredo de intromissão do homem ao jângal amazônico e a inevitável luta entre os dois, quase sempre vencida pela natureza. O personagem Souto, engenheiro convicto criado por Alberto Rangel, “viveu” do mesmo drama, em sua viagem à Amazônia sofreria os constantes delírios causados pela malária que o conduziriam ao seu destino trágico: a luta final contra a natureza, vencida por ela.<sup>60</sup>

O caráter mais fantástico do romance de Gastão Cruls fica por conta dos sonhos e devaneios dos seus personagens. Em certo trecho, “Doutor” conta a Pacatuba que lembra de sonhar que “todos os vegetais da floresta haviam perdido a

<sup>58</sup> Luciana Murari, “Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira” (Doutorado, tese, Universidade de São Paulo, 2002), 177-179.

<sup>59</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 41.

<sup>60</sup> Alberto Rangel, *Inferno Verde: Cenas e cenários do Amazonas* (Manaus: Editora Valer, 2001).

membrana da celulose, que os imobiliza, e eram agora estes sensificados que se moviam com desembaraço e vagueavam em liberdade, deslocando lentamente o raizame, à maneira de grandes tentáculos.”<sup>61</sup>. Pacatuba, ao tomar conhecimento do sonho do “Doutor”, relata que *Anhangá*<sup>62</sup> era capaz de fazer isso e foi testemunha do poder da entidade quando esteve no Purus. Em outro trecho, Pacatuba, em meio a um devaneio, afirma ter visto “em arrancada louca, uma vara de queixadas na qual um dos porcos, o da frente, ia cavalgado pelo caopora”<sup>63</sup>. O romance mesclou aspectos do folclore nacional, da cultura ameríndia e do imaginário social sobre a Amazônia, fixando esses elementos a um tema recorrente nas obras de ficção científica: o “mundo perdido”.

A Amazônia como pano de fundo ilustra o “lugar remoto”, a qual por si só desperta a emoção fundamental do mistério. Com a chegada do “Doutor” e Pacatuba ao “Reino das Pedras Verdes”, a cidade das Amazonas, deslumbra-se os segredos de um “reino mítico”, escondido até então do mundo real, isolado em um canto inexplorado. A lenda indígena de Eldorado, muito difundida na época da colonização e que atraiu a presença de aventureiros e estimulou expedições, também configura, na obra, como uma possibilidade do desconhecido experienciado pelos personagens na forma de uma miragem:

Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martínez a caminho de Manoa? Manoa! E a capital do reino maravilhoso se desenhava aos meus olhos tal como a descrevera aquele soldado aragonês [...] até hoje, Manoa permanece ignorada e inalcançável entre a espessidão das selvas amazônicas, que lhe guardam avaramente as riquezas. Dar-se-ia que a fôssemos descobrir agora?<sup>64</sup>

No entanto, a passagem mais “fantástica” consiste no trecho em que o “Doutor” vivencia uma espécie de viagem no tempo. Sob o efeito de alucinógenos é induzido a uma jornada exótica conduzido pelo último imperador dos incas, Atahualpa. A viagem

---

<sup>61</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 21.

<sup>62</sup> Anhangá é uma figura mitológica indígena, aparece em diversas culturas ameríndias como um espírito maligno e punitivo. No elucidário consta o seguinte significado: Anhangá – Nome genérico do diabo na língua tupi. Ente fantástico, habitante das nossas florestas. Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 165.

<sup>63</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 40.

<sup>64</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 30-31.

em voo de pássaro leva o protagonista aos grandes centros culturais das civilizações pré-colombiana, Tenochtitlán, Cusco e Quito. Atahualpa, em seu papel de guia, conta a história do violento processo de colonização empreendido pelos espanhóis e portugueses, os quais responsabiliza diretamente pelo declínio e extinção de seu povo.<sup>65</sup> Segundo Maia (2009), a voz de Atahualpa, na obra de Gastão Cruls, denuncia – sob perspectiva de colonizado – a história de ocupação as Américas e consiste em um reflexo direto do posicionamento crítico do escritor acerca dos processos de colonização e neocolonização do Brasil.<sup>66</sup>

Em outro trecho, o posicionamento de Gastão Cruls é repassado diretamente ao protagonista. Quando ainda perdidos na mata, os três personagens, “Doutor”, juntamente com Pacatuba e Piauí, são cercados e alvejados por saraivadas de flechas disparadas pelos indígenas, ninguém foi atingido e ao primeiro movimento de reação, “Doutor” intervém e ordena aos companheiros que baixem as espingardas, sob a justificativa de lembrar dos “ensinamentos de Rondon”<sup>67</sup>, assim solucionando as hostilidades do primeiro contato.<sup>68</sup>

Pode-se dizer que a idealização da natureza amazônica construída por Gastão Cruls em seu “romance de selva” é relativa, da mesma forma que o escritor utiliza perspectivas que remetem à “vertigem do vazio” e “monotonia”, constrói uma natureza extremamente diversificada e viva, em que a cada página surgem menções a novas espécies e aspectos da região. A natureza de *A Amazônia Misteriosa*, como já mencionado, é descrita de forma mais passiva que em relação a outras obras do período. O conflito entre Homem versus Natureza é existente, porém a natureza também é acolhedora. Vejamos que em certo trecho em que os personagens estavam perdidos na mata, e naturalmente em privação de certos itens, a floresta tudo lhes

---

<sup>65</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 79-89.

<sup>66</sup> Cláudio Silveira Maia, “Pedras perdidas: o decadentismo e a visão pós-colonial de Gastão Cruls,” (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2009), 270.

<sup>67</sup> Por “ensinamentos de Rondon”, possivelmente, Gastão Cruls se referiu aos princípios de contato em relação aos povos indígenas empregados pelo militar e sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon durante suas missões direcionadas ao interior do Brasil. Diversos intelectuais, especialmente antropólogos nutriram das perspectivas de Rondon à respeito das sociedades ameríndias e como elas deveriam ser contactadas e tratadas. O antropólogo Herbert Baldus, parafrazeando Darcy Ribeiro, expõe esses aspectos do legado de Rondon, quando afirma que “Rondon legou à sua pátria, quatro normas para a conduta do branco em relação ao índio: “Morrer, se preciso for, matar, nunca”; “respeito às tribos indígenas como povos independentes”; “garantir aos índios a posse das terras que habitam e são necessárias à sua sobrevivência”; “assegurar aos índios a proteção direta do Estado”. Herbert Baldus, *Métodos e Resultados da ação indigenista no Brasil*, In Egon Schaden, *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: seleções da Revista Antropologia* (Petrópolis: Editora Vozes, 1972), 210.

<sup>68</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 24.

provê, carne de caça, castanhas, palmitos e até mesmo leite de sorva.<sup>69</sup> Isso se justifica quando nos debruçamos sobre o processo de produção literária utilizado pelo escritor. Ao mesmo tempo que aproximou sua perspectiva de visões consolidadas sobre a região na época, também buscou destacar o conhecimento sobre a flora e fauna reunido pelas diversas leituras que fez.

Gastão Cruls escreveu *A Amazônia Misteriosa* sem conhecer a região. Esse fato não consiste em uma exclusividade, Júlio Verne produziu *A Jangada* sem jamais ter pisado na Amazônia, mas, assim como outros escritores, fez isso amparado em volumes de história natural, tomos geográficos e estudos antropológicos. Similarmente, foi o que Gastão fez, recorreu a uma ampla leitura de produções científicas sobre a flora, fauna, arqueologia, etnografia indígena e outros assuntos da Amazônia. Por se tratar de um romance, a obra não dispõe de um índice bibliográfico ou referências formais. Contudo, realizamos um mapeamento das ideias presentes no texto e pode-se afirmar que o escritor utilizou relevantes produções do pensamento social sobre a Amazônia.

Um arcabouço composto por cronistas seiscentistas como Gaspar de Carvajal e Cristóbal de Acuña, naturalistas como Louis Agassiz, Richard Spruce, Alfred Russel Wallace, Henry Bates, Charles Marie de La Condamine, Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, além de escritores nacionais, tal como Alberto Rangel e Euclides da Cunha. Destaca-se que as descrições botânicas e zoológicas presentes no romance foram auxiliadas por alguns cientistas, entre eles Cândido de Mello Leitão e Alípio de Miranda Ribeiro, ambos do Museu Nacional, e o botânico Adolpho Ducke. Fato que evidencia o cuidado e compromisso de Gastão Cruls em construir um cenário autêntico para seu romance.

Alguns anos depois, em 1930, Gastão Cruls publicou a obra *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, um relato de viagem da expedição que participou pelo Serviço de Inspeção de Fronteiras. Em setembro de 1928, a expedição liderada diretamente por Cândido Rondon partiu de Óbidos, no Pará, seguindo pelo percurso dos rios Trombetas e depois Cuminá. Em dezembro do mesmo ano, após enfrentar diversos desafios, como a malária, escassez de suprimentos, deserções, dificuldades

---

<sup>69</sup> Cruls, *A Amazônia Misteriosa*, 22-23.

logísticas, trechos intransponíveis, clima úmido e quente, constantes avarias nos equipamentos, falta de comunicação e demais características típicas de uma excursão em meio à Amazônia naquela época, a expedição alcançou a cordilheira Tumucumaque, nos limites de fronteira com a Guiana Holandesa. A participação de Gastão Cruls na expedição possibilitou ao escritor entrar em contato com um espaço que antes só havia imaginado em seu romance. Assim, decidiu por publicar um relato de viagem, no papel de escritor-viajante estruturou-o no formato de um diário de campo.<sup>70</sup>

Em sua obra, Gastão Cruls registrou o encontro com os Pianocotós, os aspectos da flora e fauna, impressões gerais sobre a natureza e cultura da região, bem como realizou um levantamento do quadro nosológico e das condições sanitárias do vale do Cuminá. Atento as paisagens observadas e as conversas com membros da expedição – muitos recrutados nas imediações – o escritor teceu reflexões sobre o deslocamento de suas percepções entre o imaginado e o experienciado. Vivendo experiências inéditas pela viagem, as quais, algumas já havia imaginado em seu romance, Gastão, ora ou outra, resgata passagens ficcionais às contrastando com as situações que vivenciava na expedição. Vejamos um exemplo no seguinte trecho:

Na *Amazônia misteriosa* eu me perguntava: - “Como se poderá passar um dia de Natal isolado do mundo, em plena selva amazônica?” Agora, eu já posso responder. Passa-se como se fosse um dia igual aos outros, viajando de manhã à noite, sempre em luta com as cachoeiras e os bancos-d’água, preocupado cada vez mais com a canoa e também para que não nos venha a faltar o alimento.<sup>71</sup>

Além disso, a participação na expedição possibilitou ao escritor corrigir alguns equívocos na descrição de certas espécies da flora. Constata-se que a forma como a natureza amazônica foi descrita no relato de viagem seguiu um mesmo estilo presente em seu romance. Apesar de existir um contraste entre essas duas “Amazônias”, não há uma ruptura na fórmula em como reproduziu sua Amazônia “imaginada” e a “observada”. Deve-se enfatizar que ao ambientar seu romance, utilizou-se da

<sup>70</sup> Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, 5ª Edição (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1973).

<sup>71</sup> Cruls, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, 147.

liberdade literária, a qual fez com certa excelência, reproduzindo um panorama interessante do ponto de vista que uniu as sensações descritas em obras clássicas sobre a região amazônica, como a de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, com a presença de uma flora e fauna extremamente diversificada e cuidadosamente descrita a partir de suas leituras. Ao incorporar o papel de escritor-viajante, o que tornou o processo narrativo alinhado diretamente às experiências vivenciadas no deslocamento, ficou limitado a descrição de um pequeno quadro da região, entre o município de Óbidos e o início da serra do Tumucumaque.

Em seu relato de viagem, configura as leituras, especialmente de naturalistas, viajantes, militares e exploradores que também adentraram a mesma região que a expedição do Serviço de Inspeção de Fronteiras. Além de descrever um fragmento de uma Amazônia, agora contemplada, realizou também uma análise comparativa com outros relatos, tais como os do padre José Nicolino Pereira de Sousa, do naturalista Richard Spruce, da exploradora Marie Octavie Coudreau e outros, que auxiliaram, inclusive, em sua assimilação dos elementos observados por ele durante a viagem. A natureza amazônica presente em seu relato de viagem perpassa uma perspectiva influenciada por suas leituras, principalmente de autores que estiveram no Baixo Amazonas e na região do Suriname. Pode-se dizer que os aspectos da natureza são transmitidos ao leitor tanto através de um estilo descritivo, característico da história natural, quanto pelo rasgo literário do escritor. Portanto, o próprio impacto da experiência em relação a natureza foi também construído da mesma forma, visíveis na utilização de termos como “muralha de verdura”; “um mesmo verde sombrio e empastado”; “mata portentosa”; “grenha hirsuta e verde”. Em certa passagem, Gastão Cruls descreveu “Nesse mataréu em que se esbatem todas as gamas do verde, e onde até a luz tem uma tonalidade gázea, chego a julgar-me um ser clorofilado e em pouco tenho a impressão de que também verde há de ser o suor que me escorre das têmporas.”<sup>72</sup>

Péricles Moraes, ensaísta e crítico literário, em sua análise sobre os intérpretes da Amazônia, enfatizou o contraste entre as duas obras de Gastão Cruls. Sobre o romance mencionou ele que:

---

<sup>72</sup> Cruls, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, 20.

[...] sem nunca ter tido, antes, uma visão objetiva das realidades amazônicas, por não ter jamais percorrido a região, conseguiu ser, com *A Amazônia misteriosa*, um lúcido revelador de muitos dos seus aspectos verdadeiros. Romancista dos de maior envergadura desta época, mais atento, no desfecho dos seus romances, para a evolução das almas que para as peripécias exteriores, o sr. Gastão Cruls, que é o escritor de alta estirpe intelectual, trouxe sortilégios e das fantasmagorias da Amazônia, uma impressão de pormenores tão fiéis de tão grande autenticidade, que nos deixaram a ilusão de terem sido colhidos de uma observação pessoal de muito tempo.<sup>73</sup>

A crítica de Péricles Moraes reflete a recepção positiva que o romance de Gastão obteve na época, especialmente no círculo literário regional amazônico. O excessivo esforço para criar um ambiente sem conhecê-lo foi elogiado pela crítica, como pode ser observado pela citação. Pode-se dizer que nisso Gastão Cruls tenha se saído melhor que outros ficcionistas que de forma semelhante utilizaram a Amazônia como pano de fundo. Os equívocos presentes na “Amazônia imaginada” de Júlio Verne, em *A Jangada: 800 léguas pelo amazonas* (1881), não passaram despercebidos pelos conhecedores da região. Em artigo intitulado de “Um fruto calumniado”, comentava um específico erro do ficcionista francês ao abordar a bebida feita a partir do açaí que “fez rir pelos disparates, todos os conhecedores da região”.<sup>74</sup> Sobre o relato de viagem *A Amazônia que eu vi*, Péricles Moraes evidenciou o contraste com a primeira “Amazônia” de Gastão:

Para os que não conhecem a região, ou somente a conhecem através das vibrações do estilo de Euclides, é uma decepção o livro do sr. Gastão Cruls. Estudando-a apenas em um ângulo isolado, e tendo a sua visão intelectual abrangido apenas um único setor do vale, o escritor parece não ter encontrado em toda a sua peregrinação um só aspecto insólito suscetível de despertar sua curiosidade. [...] o sr. Gastão Cruls, levado por um temor obsessivo da ênfase e da retórica, prima por nos apresentar, em contraste com a Amazônia do seu primeiro livro de pura ficção, uma outra Amazônia monótona, incolor, terra a terra, despojada do seu *péplum* de seda e de seus contornos de ouro, com surpreende-lhe, num estilo sem movimento e sem vibração, a fisionomia familiar, de feitio desinteressante e incomutável, que se adstringe a um ritmo invariável, contínuo e sempre o mesmo. Seria essa, realmente, a Amazônia verdadeira, que o gênio de Euclides não percebeu, de que o sr. Rangel, reproduzindo-lhe os panoramas, de uma cópia infiel, e que Ladislau, com fictícios e excessivos coloridos, transplantou para seu livro?<sup>75</sup>

<sup>73</sup> Péricles Moraes, *Os intérpretes da Amazônia* (Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001), 24-25.

<sup>74</sup> *A Manhã*, “Um fruto calumniado”, 7 de dezembro de 1926, 3.

<sup>75</sup> Moraes, *Os intérpretes da Amazônia*, 26.

Deve-se enfatizar que a análise de Péricles Moraes se baseou nas tentativas de reproduzir uma Amazônia "verdadeira" e foi fundamentada num ideal de representatividade presente na Amazônia de Euclides da Cunha, ou seja, as "Amazônias" analisadas por Moraes são sempre comparadas, seja por proximidade ou distanciamento, da presente em *À margem da história* (1909). Moraes acrescenta ainda que Gastão Cruls, das "desbotadas" páginas de *Amazônia que eu vi*, é o mesmo autor que "servindo-se apenas do seu espírito inventivo, visionou uma Amazônia singular que, se não era precisamente a verdadeira, estava muito próxima da realidade."<sup>76</sup> Curioso que a busca pela representação da Amazônia "verdadeira", propósito da análise de Moraes, se aproximaria, na perspectiva do crítico, mais da idealizada no romance de Cruls, quando não a conhecia, do que na observada e descrita em seu relato de viagem.

Outros críticos literários, tal como o ensaísta Agripino Grieco destacou que a publicação da *A Amazônia que vi* foi uma virada sociológica na trajetória de Gastão Cruls. Com a publicação de seu diário de viagem, Gastão Cruls distanciou-se da figura do ficcionista presente nas publicações anteriores. Essa virada, dita sociológica, consistiu pela escolha do escritor em organizar as notas coligidas na expedição, talvez por inspiração da herança paterna – de dedicação à ciência – legada por seu pai, e ao invés de publicar obra meramente ficcional, buscou transmitir algo útil, como afirmou Grieco.<sup>77</sup> Aspecto que também contribuiu para a conclusão de Grieco, consiste no fato de que Gastão Cruls reproduziu em sua Amazônia uma forma de interpretar o Brasil, associada aos efervescentes debates da época.

O caráter sociológico, nesse sentido, aplica-se as discussões sobre os ditos "problemas nacionais" presentes em sua obra, tratando de temas como a identidade nacional, imigração, integração, progresso e desenvolvimento. O escritor abordou também a questão da "americanização", um assunto em relevância desde que Henry Ford havia adquirido terras às margens do rio Tapajós, em 1927, poucos anos depois, as iniciativas da Ford na Amazônia seriam descritas como o estopim para o

<sup>76</sup> Moraes, *Os intérpretes da Amazônia*, 27.

<sup>77</sup> Agripino Grieco, "A Amazonia que eu vi", *O Jornal*, 27 de fevereiro de 1930, 2.

ressurgimento econômico da região.<sup>78</sup> No contexto de produção de *A Amazônia que eu vi* esse assunto agitava o cenário intelectual, mobilizando tanto opiniões a favor quanto contra, vejamos como Gastão Cruls apresentou sua opinião sobre o tema em certo trecho:

Procurando reconciliação com o meu amigo Monteiro Lobato, no que diz respeito ao seu americanismo à *outrance*, leio, na tradução que lhe devemos, o *Hoje e Amanhã*, de Henry Ford. Justamente agora, faz-se grande grito, sobretudo em Belém, contra as concessões de terras, feitas ao milionário americano, às margens do Tapajós. Não sei em que base foram assinados tais contratos, nem tenho em grande simpatia as baforadas de *automática* que com o nome de civilização nos chegam dos Estados Unidos; mas não vejo como se há de combater uma possível imigração ianque quando, anualmente, continuamos a receber muitos milhares de portugueses, na maioria analfabetos. Que será pior, a problemática americanização do Norte ou o constante e atravancador aportuguesamento do Sul? Por outro lado, a natureza amazônica é de tal modo avassaladora que não me espantarei se, dentro em pouco tempo, loiras *girls* forem vistas às unhas no manejo do tipiti, enquanto os seus irmãos andem na salga do pirarucu ou a percorrer as praias de viração. Isto até que o pirarucu indígena passe a figurar como iguaria rara nas latas de qualquer *Libbys's* e seja inventada a chocadeira modelo para ovos de tartaruga.<sup>79</sup>

Em *A Amazônia que eu vi* a figura do autor mais se aproxima do intelectual do que do ficcionista, aspecto da trajetória do escritor que ficaria mais evidente no decorrer da década de 1930. Enquanto intelectual, para além de um produtor cultural – sujeito social envolvido na construção de ideias – tornou-se também um participante da vida política, um interventor em assuntos públicos. Assim como seus contemporâneos, dedicou atenção as discussões pertinentes de sua época, participou de projetos culturais em um momento em que as elites intelectuais exerceram importantes funções e ganharam posições de destaque, especialmente na fase do Estado Novo (1937-1945), em que os intelectuais foram cruciais para a promoção e manutenção do regime.<sup>80</sup>

Pela falta de um caráter mais literário, o escritor foi acusado pela crítica de que seu relato de viagem em contraste com a Amazônia prodigiosa do romance lembrava

<sup>78</sup> Bárbara Weinstein, *Modernidade tropical: visões norte-americanas da Amazônia nas vésperas da Guerra Fria*, Revista do IEB (set., 2007): 153-176.

<sup>79</sup> Cruls, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, 47.

<sup>80</sup> Maria Helena Capelato, “O Estado Novo: o que trouxe de novo?”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado, *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007), 113-153.

o mesmo desapontamento vivenciado por Euclides da Cunha. O escritor de *Os Sertões* ao se deparar pela primeira vez com o cenário amazônico, o qual já havia abordado em publicações anteriores quando ainda não conhecia a região, pôs em confronto suas perspectivas “Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente, diante do Amazonas [...] é antes um desapontamento”.<sup>81</sup> Ao defrontar o “real”, se configurava com atestada inferioridade perante a imagem idealizada da Amazônia, registrada com tamanha expressividade e harmonia nas páginas líricas de Humboldt e diversos outros autores que herdaram similar visão de mundo.

Em sua análise sobre a origem, ou como ela denominou, “começo histórico” da produção ficcional no Brasil, Flora Süssekind (1990) ao problematizar a ideia de uma imagem original, pré-estabelecida e singular sobre a paisagem brasileira “real” constata o seguinte:

[...] é igualmente difícil olhar para a paisagem brasileira real, que lá está de fato, quando o ponto de vista a ser adotado para fitá-la é pré-dado, quando o modo de vê-la se acha previamente determinado por toda uma série de crônicas, relatos, notícias, romances, por uma sucessão de miradas, estrangeiras ou não, que lhe demarcam os contornos, tonalidades, sombreados.<sup>82</sup>

Nesse sentido, como a própria menciona, não se pode atribuir a perspectiva de Euclides da Cunha somente à imagem ideal fundamentada pelas leituras que realizou sobre a Amazônia, o dito “desapontamento” tem relação também com a intensidade da expectativa que tal imagem prévia criou.<sup>83</sup>

Benjamim Costallat, proeminente crítico de sua época, escreveu que autores que utilizavam a Amazônia como pano de fundo deveriam fazer como “o Sr. Gastão Cruls antes de ir ao Amazonas, de escrever sobre o que não viu. Depois que o Sr. Gastão Cruls viu o Amazonas, esse rio passou a ser muito menos interessantes para ele e para o público...”.<sup>84</sup> Diante disso, fez questão de corrigir o equívoco. Logo no prefácio de sua *Hiléia Amazônica*, publicada em 1944, enfatizou que “estas páginas respondem àqueles que supuseram o autor desapontado ante a Amazônia que os seus

<sup>81</sup> Euclides da Cunha, *Um Paraíso Perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia* (Rio de Janeiro: José Olympio Editora/Fundação do Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986), 25.

<sup>82</sup> Flora Süssekind, *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), 32.

<sup>83</sup> Süssekind, *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, 32-33.

<sup>84</sup> Benjamim Costallat, “Os homens de imaginação”, *Jornal do Brasil*, 23 de maio de 1930, 5.

olhos viram, em comparação com aquela outro por ele anteriormente imaginada, e que lhe serviu de cenário a um romance. Nada disso aconteceu.”<sup>85</sup> A *Hiléia Amazônica* foi fruto da segunda viagem de Gastão Cruls à Amazônia. Foi sua relação com o Estado Novo que o permitiu percorrer mais uma vez a região, em meados do final de 1938, quando foi comissionado pelo governo federal.

Gastão Cruls visitou as propriedades da Companhia Ford e as iniciativas japonesas em Maués e Parintins. Vejamos que o itinerário do escritor indica uma possível exigência feita pelo próprio presidente Getúlio Vargas. Em seus discursos sobre a Amazônia, Getúlio Vargas alegava que tanto as iniciativas da Ford quanto as colônias japonesas eram os principais exemplos da viabilidade de se colonizar a Amazônia, descritas como os resultados de métodos colonizadores providos da adaptabilidade e da técnica.<sup>86</sup> A visita à Belterra rendeu a publicação de um artigo publicado, em 1939, na recém-criada *Revista Brasileira de Geografia*, onde reuniu suas impressões sobre os trabalhos que vinham sendo realizados pela Companhia Ford.

Seguindo um estilo de escrita mais preciso e um olhar mais técnico, em vista de se tratar de um artigo científico. Destaca-se que a perspectiva de Gastão Cruls sobre a Companhia Ford no Tapajós muito se aproximou da presente no discurso oficial estadonovista. Por exemplo, a necessidade da substituição do modelo extrativista primitivo para a indústria agrícola, algo observado, e intensamente difundido pela propaganda do Estado Novo, como único caminho para o renascimento econômico da Amazônia. Para Gastão Cruls, as iniciativas de racionalização do cultivo da borracha na região amazônica permitiriam o ressurgimento do produto nacional e sua possível concorrência no mercado mundial, destacando ainda duas significativas vantagens em sua previsão. A primeira, pela proximidade com o maior país consumidor: os Estados Unidos. A segunda, pela preferência da borracha brasileira por sua melhor elasticidade. Observa-se que para Gastão Cruls, assim como para o Estado brasileiro, o projeto de Henry Ford era o mais claro exemplo da possibilidade de colonizar a região como também promover seu soerguimento econômico.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Gastão Cruls, *Hiléia Amazônica: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955), 20.

<sup>86</sup> Getúlio Vargas, *A Nova Política do Brasil, Volume II* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938), 182-183.

<sup>87</sup> Gastão Cruls, *Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil*, *Revista Brasileira de Geografia* 1, 4, (out., 1939): 3-22.

No final de 1938, quando prestes a embarcar ao Norte do Brasil, Gastão Cruls concedeu uma entrevista ao jornal *O Globo*, as falas do escritor lembram em muitos aspectos as propagandas e os anseios do Estado Novo em relação a Amazônia. Quando questionado sobre o que o público poderia esperar de sua próxima obra sobre a região amazônica, afirmou que pretendia retratar os aspectos da civilização amazônica, além de descrever o trabalho da conjunção humana à energia da terra.<sup>88</sup> A integração econômica do interior do país, bem como sua colonização definitiva eram temas de urgência na agenda do governo federal, visto que, posteriormente, essas ideias embasariam o projeto das colônias agrícolas, implementado a partir de 1941, e justificariam as intenções de Getúlio Vargas em seu famoso “Discurso do Rio Amazonas”.<sup>89</sup>

Observa-se outra situação da relação entre o setor educacional e cultural do Estado Novo e o escritor Gastão Cruls. Quando publicou a primeira edição de *Hiléia Amazônica*, a obra saiu em tiragem extremamente restrita – apenas 700 exemplares – sendo rapidamente esgotada, pois a maioria dos exemplares foram adquiridos pelo próprio Ministério da Educação e Saúde.<sup>90</sup> O que gerou certa procura, o próprio ministro Gustavo Capanema recebeu telegramas requisitando o envio de edições. Vejamos o caso do coronel Armando de Souza Mello Ararigboia. Dispondo do conhecimento de que o ministério de Capanema possuía diversas cópias da *Hiléia Amazônica*, o militar solicitou o envio de algumas às entidades oficiais e à Biblioteca do Estado Maior da Aeronáutica.<sup>91</sup> Além disso, a obra de Gastão também fez parte de premiações de concursos realizados pelo Ministério da Educação e Saúde.<sup>92</sup> O ministro Capanema ainda aproveitou para distribuir cópias da *Hiléia Amazônica* para bibliotecas públicas e presentear seus afeiçoados, como atesta uma vasta quantidade de telegramas em agradecimento à Capanema.<sup>93</sup>

<sup>88</sup> *O Globo*, “Homens e paisagens do inferno verde”, 9 de setembro 1938, 1.

<sup>89</sup> Getúlio Vargas, “Discurso do rio Amazonas”, *Revista Brasileira de Geografia*, ano IV, n. 2, 1942, 260-262.

<sup>90</sup> *Jornal do Brasil*, “*Hiléia Amazônica*”, 25 de fevereiro de 1945, 1.

<sup>91</sup> Armando de Souza Mello Ararigboia a Gustavo Capanema, 29 de dezembro 1944, Arquivo Gustavo Capanema, série Ministério da Educação e Saúde, GC g 1934, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

<sup>92</sup> *A Manhã*, “Cursos de português e literatura brasileira para jovens argentinos”, 2 de dezembro de 1945, 7.

<sup>93</sup> No Arquivo Gustavo Capanema do Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas consta telegramas de agradecimentos de Carlos Luz, Gudesteu Pires, Pierre Monbeig, San Tiago Dantas e Oswaldo Cordeiro de Farias.

Quando decidiu utilizar o termo “*Hiléia*”, cunhado por Heródoto em *Melpômene*, mas popularizado por Humboldt e Bonpland para se referir à floresta amazônica, Gastão Cruls buscou transmitir, no título da obra, a imensidão e complexidade do panorama que pretendeu abordar em suas páginas. Diferente de sua publicação anterior, o escritor não retratou uma Amazônia de ângulo isolado, limitada pelas observações de um pequeno quadro da região, a transmitiu, no mais fiel olhar mesológico, a relação entre o meio e os elementos que ali existiam e como estavam absolutamente relacionados. No entanto, também não ambicionou apresentar um panorama geral ou representar a mais fiel pintura da região, o que fez foi selecionar singulares elementos da flora e fauna, da arqueologia e etnografia indígena, e apresentá-los com cuidadosa maestria literária e científica. A monotonia decorrente de uma perspectiva mais horizontal foi afastada por Gastão Cruls pela simplicidade que propôs reproduzir sua Amazônia. Em síntese, como expressou “[...] dada a vastidão da sua área, tudo na *Hiléia* há-de ser visto a seu tempo e nos seus lugares [...]”.<sup>94</sup> Foi o que fez, em seu cenário amazônico tudo é observado de perto, a vitória-régia, as orquídeas, o guaraná, o miriti e as demais palmeiras, as peculiaridades da fauna, os papagaios, surucuás e beija-flores, as cerâmicas marajoaras e tapajônicas, os costumes das civilizações ameríndias, a decoração de suas malocas, seus hábitos alimentares, culturais e artísticos.<sup>95</sup>

A *Hiléia Amazônica* é, antes de tudo, uma obra de divulgação científica, resultado direto de um interesse particular do escritor, nutrido durante toda sua trajetória literária. O compromisso com a ciência e o cuidado com o qual autor se debruçou em cada um dos itens, divididos pelas quatro seções do livro (flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena), se reflete na enorme quantidade de referências mencionadas, além de suas próprias experiências e informações coletadas durante suas viagens para a região. O compêndio de Gastão Cruls reúne mais de 700 referências, entre estudos de botânica, zoologia, arqueologia, fitogeografia, antropologia, etnografia, etnologia, economia, química, história, relatos de viagem e

<sup>94</sup> Cruls, *Hiléia Amazônica*: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena, 20.

<sup>95</sup> Cruls, *Hiléia Amazônica*: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena, 3-313.

cânones do pensamento social sobre a Amazônia.<sup>96</sup> Para além de ser somente uma reprodução das leituras que fez, o escritor imprimiu sua própria impressão sobre a Amazônia, transmitindo-a como uma terra de possibilidades e riquezas, mas também que exigia um grande compromisso de não se deixar perder toda a sua beleza e exuberância.

Durante o contexto de produção e publicação da *Hiléia Amazônica* ocorria uma intensa valorização da região amazônica por parte do governo federal, retratando-a como merecedora dos incentivos estatais e projetos intervencionistas que vinham se desenvolvendo. A “Marcha para o Oeste”, política de expansionismo interno promovido pelo projeto nacional estadonovista de Getúlio Vargas, deveria seguir para a Amazônia. Além disso, após os Acordos de Washington, firmados entre Brasil e Estados Unidos, a região ganhou contornos especiais, visto sua importância para o fornecimento de recursos estratégicos para o esforço de guerra, especialmente a borracha. Com o fim da guerra, Gastão Cruls se envolveu nos debates sobre o projeto de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), sendo acordado o envio imediato de exemplares da *Hiléia Amazônica* à França, oficializado em outubro de 1945, na ata da reunião do Instituto de Altos Estudos Franco-Brasileiros.<sup>97</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, Gastão Cruls dedicou interesse especial à Amazônia ao longo de sua trajetória literária. O escritor carioca pode ser inserido no panteão dos intérpretes da Amazônia, ao lado de nomes como Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Alfredo Ladislau, Raimundo Moraes, Francisco Galvão e tantos outros, como explicitado pelo crítico literário Péricles Moraes.<sup>98</sup> Com a publicação de *A Amazônia Misteriosa* (1925), Gastão Cruls contribuiu para a popularização da ficção científica no mercado editorial brasileiro, tornando também a Amazônia um tema literário

---

<sup>96</sup> O escritor também dispôs da colaboração direta de alguns especialistas, realizada através de cartas, questionários, telefonas e solicitação de material. Entre os colaboradores configuram nomes como o dos botânicos Alberto José de Sampaio, Adolpho Ducke, Frederico Carlos Hoehne, Alexander Curt Brade e Leonam Azeredo Penna; dos zoólogos Cândido de Melo-Leitão, Olivério Mario de Oliveira Pinto e Agenor Couto de Magalhães; a antropóloga Heloisa Alberto Torres e o etnólogo Curt Nimuendajú.

<sup>97</sup> Marcos Chor Maio; Magali Romero Sá, “Ciência na periferia: a Unesco, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e as origens do Inpa”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 7, suplemento (set., 2000): 1009.

<sup>98</sup> Moraes, *Os intérpretes da Amazônia* (Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001).

interessante para os leitores do gênero, tal como fez Júlio Verne em *A Jangada* ou Conan Doyle em *O mundo perdido*.

O interesse pela região o levou duas vezes a percorrer aquelas paisagens. A primeira, em 1928, quando integrou o Serviço de Inspeção de Fronteiras em uma expedição por cerca de quatro meses em meio a selva. A segunda, dez anos depois, em 1938, quando foi comissionado pelo Estado Novo de Getúlio Vargas para estudar a região em todos seus aspectos. Para além de apenas um reflexo dos incentivos para as áreas da cultura e educação, a hipótese para o financiamento recebido pelo escritor para viajar à região consiste em que as intenções eram oportunas ao momento, no qual o poder central implementava políticas intervencionistas e atribuía um papel estratégico para a Amazônia no projeto nacional. As viagens lhe renderam publicações, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque* (1930) e *Hiléia Amazônia: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena* (1944).

As construções de suas “Amazônias” foram consonantes com os processos criativos, as intenções do autor e as experiências vividas, ou seja, os sentimentos e significados impressos em suas obras alinharam-se aos diferentes contextos de produção que o autor esteve inserido. Um aspecto se sobrepõe ao analisarmos o processo criativo do autor no conjunto de suas obras: as representações de suas “Amazônias”, seja em sua narrativa ficcional ou quando a contemplou, foi influenciada, pode-se dizer detalhada, por ampla leitura de bibliografias científicas e literárias sobre a flora e a fauna, além de um estimável conhecimento sobre etnografia indígena. As leituras de Gastão Cruls sobre Amazônia aparecem ao longo de todo seu processo criativo, nota-se, ao contrastar sua Amazônia imaginada com a que observou que as leituras auxiliaram na forma em como assimilou os elementos amazônicos contemplados. Acredita-se, assim, que ao se deparar com um cenário nunca visto por ele, mas detalhadamente construído através de seu imaginário – amparado em compulsivas leituras – influenciou na forma em como observou, descreveu e representou a natureza amazônica.

Intelectual preocupado com os ditos “problemas nacionais”, Gastão Cruls fez reflexões sobre o Brasil. Seu interesse pela Amazônia, seja em caráter literário ou científico foi algo que o acompanhou até o fim da vida, pois deixou, após a morte, a

intenção de escrever um novo romance ambientado na região. Pode-se dizer que a Amazônia para Gastão Cruls foi além de apenas um tema de seu interesse, tornando-se uma forma de projeção do autor no cenário nacional e internacional. Seu conjunto de obras sobre a Amazônia contribuem para entender os dilemas vivenciados por diversos escritores para sintetizar uma região de tamanha complexidade, de caudalosos rios, densas florestas e inúmeras culturas. Para além de entusiasta de tais assuntos, Gastão Cruls, o “amazônico” como o chamou Rubem Braga, colaborou diretamente na divulgação e popularização do conhecimento científico e cultural sobre a Amazônia através da literatura.

### **AGRADECIMENTOS**

Este artigo contou com o apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, por meio da bolsa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro.

### **REFERÊNCIAS**

- Agripino Grieco, “A Amazonia que eu vi”, *O Jornal*, 27 de fevereiro de 1930, 2.
- Alberto Rangel, *Inferno Verde: Cenas e cenários do Amazonas* (Manaus: Editora Valer, 2001).
- Ana Maria Daou, *A Belle Époque amazônica* (Rio de Janeiro: Zahar, 1999).
- Ângela de Castro Gomes, “Estado Novo: debatendo nacionalismo, autoritarismo e populismo”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado, *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019), 191-221.
- Antônio Augusto Alves de Souza, *O Paiz*, “O Paraíso Verde”, 19 de junho de 1926, 3.
- A Manhã, “Cursos de português e literatura brasileira para jovens argentinos”, 2 de dezembro de 1945, 7.
- A Manhã, “Um fruto calumniado”, 7 de dezembro de 1926, 3.
- Armando de Souza Mello Ararigboia a Gustavo Capanema, 29 de dezembro 1944, Arquivo Gustavo Capanema, série Ministério da Educação e Saúde, GC g 1934, Centro

de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Bárbara Weinstein, *Modernidade tropical: visões norte-americanas da Amazônia nas vésperas da Guerra Fria*, Revista do IEB (set., 2007): 153-176.

Bárbara Weinstein, *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)* (São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993).

Benjamim Costallat, “Os homens de imaginação”, *Jornal do Brasil*, 23 de maio de 1930, 5.

Camila Soares López, “*Mercure de France: de Donneau de Visé à Alfred Vallete, da série moderne à maison d’édition*”, *Faces da História* 1, 1 (ago., 2014): 51-70.

Cândido Mariano da Silva Rondon, “A inspecção das fronteiras”, *O Paiz*, 12 de maio de 1929, 1.

Carlos Augusto da Rocha Freira, *Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena* (Brasília: Abravideo, 2009).

Carlos de Lima Cavalcanti a Anísio Teixeira, 4 de junho 1935, Arquivo Anísio Teixeira, série Correspondência, AT c 1935. 06.04/2, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Cláudio Silveira Maia, “Pedras perdidas: o decadentismo e a visão pós-colonial de Gastão Cruls,” (Doutorado, tese, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2009).

David Arnold, *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultural y la expansión de Europa* (México: Fondo de Cultura Económica, 2000).

Diário da Manhã, “O escritor Gastão Cruls falou ao “Diário da Manhã”, 26 de janeiro de 1929, 2.

Dominichi Miranda de Sá, *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006).

Dulce Chaves Pandolfi, “Os anos 1930: as incertezas do regime”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado (org.), *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007).

Euclides da Cunha, *Um Paraíso Perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia* (Rio de Janeiro: José Olympio Editora/Fundação do Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986).

Flora Süssekind, *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, (São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

Francisco Foot Hardman, *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna* (São Paulo: Unesp, 2009).

Gastão Cruls, “A “roda” de Antônio Torres, no “Bar Nacional”. In Luís da Câmara Cascudo, *Antologia da alimentação no Brasil* (São Paulo: Global Editora, 2014), 266-269.

Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque, 5ª Edição* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1973).

Gastão Cruls, *A Amazônia Misteriosa, 9ª Edição* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1973).

Gastão Cruls, *Hiléia Amazônica: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955).

Gastão Cruls, *Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil*, *Revista Brasileira de Geografia* 1, 4, (out., 1939): 3-22.

Getúlio Vargas, “Discurso do Rio Amazonas”, *Revista Brasileira de Geografia* 4, 2 (Abril/Junho 1942): 259-262.

Getúlio Vargas, *A Nova Política do Brasil, Volume V* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938).

Getúlio Vargas, *A Nova Política do Brasil, Volume II* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938).

Governo do Brasil, *Ofício do Ministério da Fazenda de 9 de agosto 1938, Diário Oficial da União, 18 de agosto 1938*. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2385362/pg-10-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de18-08-1938>. Acesso em 7 de janeiro de 2021.

Governo do Brasil, *Ofício do Ministério da Guerra de 23 de agosto de 1928, “Autoriza o Dr. Gastão Luiz Cruls a acompanhar o general Cândido Mariano Rondon na viagem de inspeção às fronteiras do norte do Brasil”, Diário Oficial da União, seção 1, 23 de agosto de 1928*.

Herbert Baldus, Métodos e Resultados da ação indigenista no Brasil, In Egon Schaden, Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: seleções da Revista Antropologia (Petrópolis: Editora Vozes, 1972), 209-229.

Isabel Cristina Martins Guillen, “A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo”, Revista de Sociologia e Política 9, (1997), 95-102.

João de Sousa Ribeiro Filho, Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas (1565-1965) (Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965).

João Marcelo Ehlert Maia. “As Ideias que fazem o Estado andar: Imaginação espacial, pensamento brasileiro e território no Brasil Central”, Dados – Revista de Ciências Sociais 53, 3, (2010): 621-655.

Jornal do Brasil, “Hiléia Amazônica”, 25 de fevereiro de 1945, 1.

Jornal do Brasil, “A projeção universal da Amazonia”, 8 de setembro 1938, 5.

José Augusto Pádua, “As bases teóricas da história ambiental”, Estudos Avançados, 24, 68, 2010, 81-110.

Júlio César Schweickardt; Nísia Trindade Lima, Do “inferno florido” à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no estado do Amazonas durante a Primeira República (1890-1930), Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi 5, 2, (aug., 2010), 399-415.

Keith Thomas, O homem e o mundo natural (São Paulo: Companhia das Letras, 2010).

Kevin J. Avery, “A historiography of the Hudson River School”, In Kevin J. Avery *et al.*, American Paradise: The World of the Hudson River School (New York: Metropolitan Museum of Art, 1987), 3-20.

Luciana Murari, “Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira” (Doutorado, tese, Universidade de São Paulo, 2002).

Luiz Fernando Souza Santos, “Amazônia: das ideias de paraíso às ideias de ecossistema” In Élide Bastos Rugai; Renan Freitas Pinto (org.), Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro (Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008), 377-418.

Marco Aurélio Coelho Paiva, “A ordem e a desordem da natureza: o sertão e a Amazônia em Gastão Cruls”, Sociologias 21, 51, (mai./ago., 2019), 242-276.

Marcos Chor Maio; Magali Romero Sá, “Ciência na periferia: a Unesco, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e as origens do Inpa”, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 7, suplemento (set., 2000), 975-1017.

Maria Helena Capelato, “O Estado Novo: o que trouxe de novo?”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado, *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007), 113-153.

Maria Liege Freitas Ferreira, “A construção do Eldorado amazônico no governo Vargas: a representação através da imagem (1940-1945)” (Doutorado, tese, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2011).

Maria Veronica Secreto, “A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha”, *Estudos Históricos* 10, 40 (out., 2007), 115-135.

Mary Louise Pratt, *Imperial Eye: Travel, Writing and Transculturation* (London/New York: Routledge, 1992).

Monica Pimenta Velloso, “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, In Jorge Ferreira; Lucília Almeida Neves Delgado, *O Brasil republicano – vol. 2: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007), 154-187.

Monica Pimenta Velloso, “Cultura e Poder Político: uma configuração do campo intelectual”, In Lucia Lippi de Oliveira; Monica Pimenta Velloso, Ângela de Castro Gomes, *Estado Novo: Ideologia e Poder* (Rio de Janeiro: Zahar, 1982), 71-108.

Neide Gondim, *A invenção da Amazônia* (São Paulo: Marco Zero, 1994).

O Globo, “Homens e paisagens do inferno verde”, 9 de setembro 1938, 1.

O Globo, “Bibliotecario da Universidade do Distrito Federal”, 22 de janeiro de 1936, 2.

O Paiz, “Propaganda do Espírito”, 8 de março 1929, 3.

Otávio Guilherme Velho. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento* (Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009).

Péricles Moraes, *Os intérpretes da Amazônia* (Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001).

Raymond Williams, “Ideias sobre a natureza”, In Raymond Williams, *Cultura e Materialismo* (São Paulo: Editora Unesp, 2011).

Renan Freitas Pinto, *A viagem das ideias*, *Estudos Avançados* 19, 53, (abr. 1997), 97-114.

Renard Perez, “Vida de Escritores: Gastão Cruls”, *Correio da Manhã*, 8 de outubro de 1955, 8.

Renato Rodrigues de Lima Júnior, “O refratário e abnegado José Severiano de Rezende” (Mestrado, dissertação, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002).

Roberto de Sousa Causo, *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003).

Roger Chartier, *Defesa e Ilustração da noção de representação*, *Fronteiras* 13, 25, (jul./dez., 2011), 15-29.

Roger Chartier, *O mundo como representação*, *Estudos Avançados* 11, 5, (jan./abr., 1991), 172-191.

Rubem Braga, “Gastão Cruls, O Amazônico”, *Revista Manchete*, (out., 1953): 34-35.

Sérgio Miceli, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)* (Rio de Janeiro: DIFEL, 1979).

Tânia Regina de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação* (São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999).

Thomas Elliot Skidmore, *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007).

Vítor da Matta Vivolo, “Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira,” (Mestrado, dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017).

## **Between the Mysterious and the Lived: The Interpretations on the Amazon Nature in the Writings of Gastão Cruls**

### **ABSTRACT**

This article analyzes the textual representations of the Amazonian nature in the works of the physician and writer Gastão Cruls (1888-1959). The aim is to identify how the writer built representations of the Amazon region in his works, based on different contexts of production and publication, lived experiences, readings and own perspectives about the processes that occurred in the period. We selected three works, which we believe are essential to understand Gastão Cruls' thoughts regarding the Amazon territory: *A Amazônia Misteriosa* (1925); *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque* (1930) and *Hiléia Amazônia* (1944). The novel *A Amazônia Misteriosa* is taken as the rise of the writer in the national literary circle. The repercussions of his novel and his social relationships allowed him to join the Frontiers Inspection Service as a climatologist, the agency through which he made his first tour of the Amazon, between the end of 1928 and the beginning of 1929. About ten years later, in 1938, he was commissioned by the Estado Novo to travel to the region again with the intention of writing an unpublished book. The “Amazônias” by Gastão Cruls, whether idealized – when the author did not yet know the region – or experienced, were based on set of consolidated ideas, which mixed with his own way of describing and representing the Amazonian landscapes. Therefore, the analysis helps to identify the ways and styles in which the Amazon region was represented in Brazilian literature and social thought.

**Keywords:** Amazon; Gastão Cruls; nature; representations.

Recibido: 12/01/2023  
Aprovado: 11/05/2023